



Marco Antônio S. Monteiro*

RESUMO

Realizou-se uma investigação filosófica sobre a ética apresentada por Fiódor Dostoiévski em seu romance *Memórias do Subsolo*, comparando-a com o pensamento moral de Friedrich Nietzsche. Foi identificada uma profunda similaridade entre as ideias do “homem do subsolo” e o pensamento nietzschiano. Em seguida, buscou-se a crítica de Alasdair MacIntyre à filosofia moral iluminista e emotivista, na qual o filósofo escocês se lastreia pelo pensamento de Nietzsche. MacIntyre demonstra que o autor de *Assim Falou Zaratustra* é genial em sua argumentação contrária à filosofia iluminista e completamente equivocado quando propõe a sua própria solução. Conclui-se que o homem do subsolo pode servir de exemplo do inevitável fracasso tanto da ética criticada por Nietzsche, quanto da própria ética nietzschiana. O personagem de Dostoiévski demonstra na forma da ficção como se comportaria alguém que utiliza exclusivamente a linguagem moral racionalista. E, ao mesmo tempo, o homem do subsolo é um antimodelo para a ética das virtudes.

Palavras-chave: Dostoiévski. Nietzsche. Ética. Filosofia Moral. Alasdair MacIntyre.

The eagle has brought forth a mouse: *Memories from underground* and nietzschian moral philosophy under the view of Alasdair Macintyre

ABSTRACT

A philosophical investigation was carried out on the ethics presented by Fyodor Dostoevsky in his novel *Memories from Underground*, comparing it with the moral thought of Friedrich Nietzsche. A profound similarity was identified between the ideas of the “underground man” and Nietzschean thought. Next, Alasdair MacIntyre's critique of enlightenment and emotivist moral philosophy was sought, in which the Scottish philosopher is based on Nietzsche's thought. MacIntyre demonstrates that the author of *Thus Spoke Zarathustra* is brilliant in his argument against enlightenment philosophy and completely wrong when he proposes his own solution. It is concluded that the underground man can serve as an example of the inevitable failure of both the ethics criticized by Nietzsche and the Nietzschean ethics itself. Dostoevsky's character demonstrates in the form of fiction how someone who exclusively uses rationalist moral language would behave. And at the same time, the underground man is an anti-model for virtue ethics.

Keywords: Dostoevsky. Nietzsche. Ethics. Moral Philosophy. Alasdair MacIntyre.

A águia pariu um rato: *Memórias do subsolo* e a filosofia moral nietzschiana sob o olhar de Alasdair Macintyre

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

V. 19, n. 2, 2023

* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). E-mail: marco.42040015@ucp.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6536095430059645>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8604-2209>.

Introdução

Não haveria Nietzsche sem Dostoiévski. Ou melhor, não haveria o *Nietzsche que hoje conhecemos* se antes dele não houvesse *Memórias do Subsolo*. São conhecidas várias passagens da vida pessoal do filósofo alemão nas quais ficam evidentes a forma como a obra de Dostoiévski influenciou profundamente não apenas o pensamento nietzschiano, mas também a própria biografia do autor de *Assim Falou Zaratustra*. Até mesmo o estilo de escrita, que destoa da habitual obscuridade de filósofos alemães como Kant e Hegel, deixa bastante claro como Nietzsche deve muito a Dostoiévski e, principalmente, a *Memórias do Subsolo*. Pretendo demonstrar, diante disso, pontos de convergência e algumas similitudes que vão além da literatura. Afinal, pode-se afirmar que Dostoiévski era um “romancista-filósofo”, talvez o maior da história: “Se Dostoiévski é considerado geralmente como o romancista-filósofo por excelência, *Memórias do Subsolo* é o escrito em que isso se manifesta de modo particularmente intenso” (SCHNAIDERMAN, 2009, p. 10). Desta forma, não apenas o estilo e os temas de interesse do escritor russo, mas também suas ideias filosóficas, impregnaram a obra de Friedrich Nietzsche.

Memórias do Subsolo é um romance que se divide em duas partes. Na primeira, o narrador – em tons de confissão – apresenta uma espécie de carta de princípios, na qual fala sobre si, porém destacando principalmente suas visões de mundo e ideias. Não é falado o seu nome, e em nenhum momento será. Na segunda parte, ele – que chamarei de “homem do subsolo” – conta uma passagem de sua vida em que se evidencia como o ocorrido na parte anterior determina as consequências da sua forma de agir. Há uma relação de “teoria e prática” entre as duas partes: a primeira é uma exposição de cunho filosófico, enquanto a segunda é o relato de um episódio em que a filosofia moral do narrador é vista em ação.

No presente ensaio, darei ênfase à primeira parte, pois acredito que nela se encontram traços inequívocos daquilo que seria desenvolvido por Nietzsche, tanto em sua filosofia quanto em seu estilo literário. Contudo, vale destacar que o romance completo exerceu influência sobre o pensamento nietzschiano. Chega-se até a afirmações hiperbólicas, como a lembrada por Boris Schnaiderman, quando Górkí afirmara que “para mim, todo Nietzsche está em *Memórias do Subsolo*” (SCHNAIDERMAN, 2009, p. 10).

I Sobre Aves de Rapina e Camundongos

A narrativa em primeira pessoa utilizada por Dostoiévski permite revelar um protagonista que vive segundo os próprios princípios filosóficos. Refiro-me aos princípios morais apresentados, além de algumas explicações de natureza ontológica manifestadas durante suas afirmações. O narrador por várias vezes muda de opinião, desenvolve raciocínios dialéticos e se arrepende daquilo que disse, desdizendo-se, porém, mantendo escrito aquilo do que se arrependera. O homem do subsolo é reticente e se contradiz. Seu texto possui ares de confissão, mas também é uma análise psicológica. Interessa-me destacar a percepção de que esse perfil ético coincide com aquele que se tornou comum a partir da modernidade, principalmente devido ao iluminismo e sua tentativa de racionalização da moral.

Nietzsche foi alguém que conseguiu perceber essa falha no entendimento sobre o que é a moral. Percebeu que as tentativas de tornar a moralidade fruto da razão, como por exemplo nos postulados éticos de Kant, não davam caráter científico aos próprios princípios, pois para o autor de *Zaratustra* a razão não consegue se separar da subjetividade. Assim, os padrões morais, que deveriam ser pautados unicamente pela racionalidade humana, acabam maculados pelas emoções. Nesse aspecto, pode-se dizer que o homem do subsolo seria um exemplo dessa crítica feita por Nietzsche, afinal ele se considera um homem sábio, um homem que nos locais onde vai acredita ser o mais inteligente do recinto:

Pois, em primeiro lugar, tenho culpa de ser mais inteligente que todos à minha volta. (Considerarei-me, continuamente, mais inteligente que todos à minha volta, e às vezes – acreditam? – tinha até vergonha disso. Pelo menos, a vida toda olhei de certo modo para o lado e nunca pude fitar as pessoas nos olhos) (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 21).

Essa arrogância decorre da crença na própria razão. Contudo, o homem do subsolo sabe que sua pretensa sapiência superior também é um defeito, pois priva-o de atitudes mais arrojadas. Por muito pensar, muito imaginar os prós e os contras, acaba acovardando-se. Por esse motivo, o homem do subsolo se compara a um camundongo:

O homem de consciência hipertrofiada [...] a si mesmo se considera, com toda a sua consciência hipertrofiada, um camundongo e não um homem. Talvez seja um camundongo de consciência hipertrofiada, mas sempre é um camundongo. E o mais importante é que ele mesmo se considera a si mesmo um camundongo; ninguém lhe pede isto, e este é um ponto importante. Mas vejamos agora esse camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que ele esteja ofendido (quase sempre está) e queira vingar-se. Acumula-se nele, provavelmente, mais rancor que no *homme de la nature et de la vérité*. É possível que um desejo baixo, ignóbil, de retribuir ao ofensor o mesmo dano, ranja nele ainda mais ignobilmente que no *homme de la nature et de la vérité*, porque este, devido à sua inata estupidez, considera a sua vingança um ato de justiça; já o camundongo, em virtude de sua consciência hipertrofiada, nega haver nisso qualquer justiça. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23).

E completa o homem do subsolo:

Naturalmente, resta-lhe sacudir a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para a sua fendazinha. Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar quarenta anos seguidos a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23).

Por isso, em princípio, poderíamos dizer que as propostas morais de Nietzsche, pautadas em um agir heroico, na sua famosa vontade de potência, poderia ser o justo oposto daquilo que o homem do subsolo é. O homem do subsolo é ressentido. Ele remói as desventuras de seu passado e isso claramente o angustia, causa seu agir desdenhoso perante as pessoas ao seu redor, mesmo sendo ele um pária social, alguém sem família, sem amigos, sem emprego, pobre e desprezado até mesmo pelo seu único empregado.

Sabemos que Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, tece um ardoroso libelo contra o ressentimento. O filósofo afirma que:

O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma *olha de través*; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. (NIETZSCHE, 2009, p. 27).

Acredito que poderíamos tomar o homem do subsolo como exemplo dessa pessoa ressentida, denunciada por Nietzsche. Poderíamos até mesmo dizer que o personagem de Dostoiévski tenha auxiliado de alguma forma nesse *insight* que o

filósofo alemão apresenta em sua obra. Nietzsche, de certa forma faz uma defesa apaixonada do homem de ação. Contudo, para Nietzsche, o arquétipo desse tipo de homem moralmente forte e audaz não estaria diretamente relacionado à sua inteligência ou ignorância. No pensamento nietzschiano, o homem moralmente superior seria aquele que segue sua vontade com mais destemor; que, assim como na Grécia antiga, tenha um comportamento heroico. Ele precisa dar vazão à sua necessidade inata – e, segundo Nietzsche, de todo e qualquer ser terreno – de subjugar seu semelhante, de exercer poder sobre outro. Para Nietzsche, isso não seria um problema, não seria errado oprimir seu semelhante: “Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas” (NIETZSCHE, 2009, p. 32). O autor de *Crepúsculo dos Ídolos* pretende com sua proposta romper com toda a tradição moral existente desde Platão. Pretende demolir os parâmetros daquilo que entendemos como *bem* e *mal*. Todas as ideias éticas de virtude que, no decorrer dos tempos, acreditou-se terem caráter de princípio deveriam ser substituídas pelo ideal heroico da vontade de potência, para que aí surgisse uma nova humanidade, moralmente mais elevada, cujos indivíduos estariam além do padrão médio dos homens que seguem os princípios morais da tradição. Nietzsche queria estabelecer como arquétipo moral ideal o *übermensch*. E é justamente dessa proposta extravagante que surgem as contradições e o prenúncio do fracasso, aproximando o pensamento nietzschiano do subsolo de Dostoiévski.

Algumas passagens de *Memórias do Subsolo* inevitavelmente nos remetem àquilo que posteriormente Nietzsche escreveria em sua obra. Vejamos, por exemplo, o momento em que o narrador afirma que “o homem, seja ele quem for, sempre e em toda a parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e às vezes, *decididamente se deve*”, completando da seguinte maneira: “E de onde concluíram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade virtuosa? [...] O homem precisa de uma vontade independente, custe o que custar essa independência e leve onde levar” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 39). O que vemos no personagem do subsolo é o niilismo, a descrença nos valores e na ordem estabelecida no decorrer da história. Para Nietzsche, esse niilismo seria um momento necessário antes da instituição do

übermensch. Ele é necessário para instaurar seu projeto alucinado da *transvaloração de todos os valores* (MELO NETO, 2017, p. 100-101).

Em *O Anticristo*, Nietzsche afirma o seguinte: “e o tempo é contado pelo *dies nefastus* [dia nefasto] com que teve início essa fatalidade – *Por que não pelo último? A partir de hoje?* – *transvaloração de todos os valores!*” (NIETZSCHE, 2016, p. 79). A proposta do pensador alemão é justamente um marco zero na história da moral humana. “*Transvaloração de todos os valores*: esta é a minha fórmula para um ato supremo da autoconscientização da humanidade, que se tornou gênio e carne dentro de mim” (NIETZSCHE, 2020, p. 144).

Obviamente, o projeto nietzschiano é infinitamente mais ambicioso do que a filosofia do homem do subsolo. Este apenas era descrente de todos os padrões estabelecidos e pautado pelo exercício da própria vontade (não necessariamente de potência), sendo apenas um modo niilista de se enxergar o mundo. Já o niilismo de Nietzsche seria um estágio importante para se alcançar a sua tão sonhada *transvaloração de todos os valores*, a derribada de toda a ética virtuosa e racional proposta até então para o surgimento de uma nova. Entretanto, é possível percebermos que em níveis distintos, tanto Nietzsche quanto o homem do subsolo possuem uma semelhança: a megalomania.

Enquanto o autor de *Zaratustra* concebe um plano extremamente ambicioso, tentando radicalmente quebrar estruturas estabelecidas, o homem do subsolo possui um olhar megalomaniaco de si próprio, considera-se superior às pessoas ao seu redor, um homem de inteligência privilegiada. Seu fracasso pessoal e social contrasta com tudo aquilo que imagina de si, levando-o ao ressentimento que é demonstrado durante toda a narrativa. Da mesma forma, Nietzsche proclamava uma moral heroica, pautada pela vontade de subjugar o semelhante, mesmo sendo ele próprio um homem frágil, que na casa dos trinta anos precisou se aposentar da profissão do magistério para poder cuidar da saúde debilitada. Fazendo-se justiça, o filósofo alemão não se rendeu ao ressentimento, denunciando com bastante empenho esse tipo de sentimento – mesmo que por vias controversas – em sua *Genealogia da Moral*.

Neste ponto vemos que também se assemelham Nietzsche e o personagem de Dostoiévski, primordialmente no que tange ao desrespeito pelos parâmetros morais arraigados nas sociedades. Ambos não acreditam na importância desse mecanismo

que naturalmente se desenvolve quando homens percebem e incorporam valores e princípios que irão pautar as ações e decisões na vida social.

Nietzsche imagina como paradigma moral um comportamento heroico, sendo que não é compatível à maioria dos homens esse tipo de comportamento. E ao colocar como objetivo para toda a humanidade um padrão de vida inalcançável à sua grande maioria, condena esse percentual majoritário à frustração. Desse sentimento de derrota, de fracasso, pode surgir o ressentimento que é tão censurado por Nietzsche, evidenciando que sua fantasia de homens heroicos, movidos pela vontade de dominação e descrentes dos paradigmas de bem e de mal, levará a maioria que embarçar nesse projeto ao triste fim da frustração e do ressentimento. O homem do subsolo, que não se via como um herói, mas sim como um homem de inteligência superior, frustrou-se e também se ressentiu ao seguir uma filosofia menos utópica, apesar de tão impregnada de ceticismo quanto a ética nietzschiana. Portanto, o ideal da águia que persegue sem piedade o pobre cordeirinho tem como resultado mais provável conceber os ratos que habitam o subsolo de Dostoiévski.

II O Grande Mérito de Nietzsche

É injusto dizer que, devido a essas críticas que brevemente apresento, o estudo moral desenvolvido por Nietzsche deva ser descartado ou somente mereça censuras. Muito pelo contrário. Alasdair MacIntyre, em seu magistral *Depois da Virtude*, demonstra que o autor de *Genealogia da Moral* foi muito preciso ao identificar o problema pelo qual passava o estudo filosófico da moral na Europa do século XIX. Para MacIntyre, Nietzsche era mais um caso no hall dos filósofos que acertaram o diagnóstico e erraram completamente o remédio. “O *Übermensch* (Super-Homem) e o existencialismo-marxista sartreano pertencem antes às páginas de um bestiário filosófico do que à discussão séria. Em compensação, ambos encontram sua forma filosófica mais potente e persuasiva na parte negativa de sua crítica” (MACINTYRE, 2021, p. 53).

MacIntyre identificou e denunciou a situação caótica na qual se encontra a filosofia moral contemporânea. Para ele, o que é chamado de “linguagem moral” está em um completo estado de desordem. Possuímos “simulacros de moral”, apesar de continuarmos utilizando expressões conceituais clássicas. Ou seja, o contexto geral

estudado e desenvolvido por filósofos clássicos foi fragmentado, arrancando-se algumas partes desse esquema original e inserindo-as em contextos completamente diferentes criados por pensadores modernos. Contudo, as formulações clássicas possuíam suas próprias finalidades determinadas e, ao transportá-las para esquemas distintos, acabaram se tornando “partes agora isoladas dos contextos donde provinha seu significado”. Desta forma, “perdemos – em grande medida, se não inteiramente – nossa compreensão, tanto teórica como prática, da moral” (MACINTYRE, 2021, p. 27).

O autor escocês também percebeu que esse problema tinha origem nas revoluções do pensamento humano ocorridas na modernidade, principalmente desde o iluminismo. MacIntyre aponta que dois movimentos são vitais para entender essa ruptura, que parte da filosofia moral virtuosa e organizada do período clássico, para uma ética problemática que se baseia tão somente em uma racionalidade individual e, portanto, maculada pelo subjetivismo: o movimento iluminista e o emotivismo do início do século XX. E, aponta o autor, será Nietzsche o responsável por apresentar uma crítica arrasadora a esta situação:

[...] desde que a crença na teleologia de Aristóteles foi desacreditada, filósofos morais tentaram fornecer alguma explicação secular racional alternativa da natureza e do *status* da moralidade, mas todas essas alternativas, por mais variadas que tenham sido, e por mais que tenham sido notáveis de maneiras diferentes, na verdade fracassaram, um fracasso percebido mais claramente por Nietzsche (MACINTYRE, 2021, p. 369).

Vale destacar que, devido ao momento histórico de sua crítica, Nietzsche não poderia estar visando diretamente ao movimento emotivista, surgido apenas no século XX, mas principalmente ao *status quo* da filosofia moral de sua época, profundamente influenciada pelo iluminismo. Apesar disso, a vertente filosófica do emotivismo é uma sucessora que absorveu muito daquilo que fora desenvolvido no pensamento do século XIX e, portanto, a crítica nietzschiana continua sendo pertinente, mesmo que anterior ao seu surgimento.

O emotivismo escancarava a ideia de uma ética subjetivista – e relativista – na qual o agir moral pauta-se exclusivamente em decisões pessoais do indivíduo, sem que haja, assim, critérios objetivos, pois “julgamentos morais, por serem expressões de opinião ou sentimento, não são verdadeiros ou falsos”. E nos ensina MacIntyre que

“emotivismo é a doutrina segundo a qual todos os julgamentos valorativos e, mais especificamente, todos os julgamentos morais *não são senão* expressões de preferências, expressões de pontos de vista e sentimentos, na medida em que são morais ou valorativas em seu caráter” (MACINTYRE, 2021, p. 39).

Quanto ao iluminismo, existe nele uma pretensão de objetividade. A famosa preocupação racional e científica iluminista deveria ser empregada também à filosofia moral. Um exemplo evidente é a ideia de imperativo categórico desenvolvida por Kant. As decisões morais humanas seriam pautadas unicamente por critérios oriundos da razão e, por isso mesmo, estes seriam universais e indiscutíveis, tornando-se normas morais. MacIntyre nos mostra que Nietzsche dirigiu sua crítica justamente a essa tentativa de racionalização exacerbada da prática moral. Ora, se o pensamento ético deve ser racional, e se a razão pertence individualmente a cada pessoa que a possui, inevitavelmente os raciocínios sofrerão influência de aspectos subjetivos do indivíduo que está a raciocinar. Desta forma, o agir moral totalmente racional é uma utopia, afinal a própria ação racional é necessariamente corrompida por influências subjetivas do indivíduo. Como nos lembra Renato de Moraes, Nietzsche também evidencia que a racionalidade nem sempre nos levará ao melhor agir ético, pois “o que julgamos reto e objetivo, nos termos de uma suposta consciência íntegra, está, na verdade eivado de preconceitos e preferências subjetivas, alguns francamente ruins. Os juízos, apenas pelo fato de derivarem da consciência, não devem ser por isso considerados bons” (MORAES, 2014, p. 92).

Esses pontos demonstram porque MacIntyre considera que iluminismo e emotivismo encontram-se em situações semelhantes quanto aos problemas contemporâneos da linguagem moral: ambos tornam a ética refém do subjetivismo, seja devido a uma proposta intencional, como no emotivismo, ou pelo inevitável fracasso da proposição estritamente racional apresentada na filosofia moral iluminista.

III Entre o Racional e o Subjetivo

Surge, então, a seguinte questão: como esse problema evidenciado por MacIntyre, quando se refere à linguagem moral contemporânea, pode nos ajudar a interpretar o homem do subsolo de Dostoiévski? Primeiramente, é bom lembrarmos de que em uma linha temporal teríamos o iluminismo, a obra de Dostoiévski, a filosofia

de Nietzsche e o emotivismo se sucedendo nessa ordem. Vimos que a obra de Dostoiévski exercera farta influência sobre a filosofia nietzschiana e que a crítica moral de Nietzsche era certa quanto à ética iluminista; e premonitória, quanto ao subjetivismo emotivista. Creio que agora posso demonstrar como o homem do subsolo é o resultado da tentativa frustrada de racionalização iluminista e como também é uma espécie de previsão do que o emotivismo acabará criando ao tornar a ação moral uma consequência subjetiva. Sobre ambas as influências há a crítica nietzschiana, reafirmada por MacIntyre em sua apreciação a respeito da filosofia moral de Nietzsche.

Conforme analisado anteriormente, o homem do subsolo é um ególatra, considera-se o mais inteligente dentre todos ao redor, o mais perspicaz – o *mais racional*. O culto à racionalidade é um dos resultados do movimento iluminista; a fé na razão, a fé na ciência, acaba individualizando o homem, restringindo-o das percepções externas e superiores, e obrigando-o a se concentrar em seu próprio pensamento pretensamente objetivo. Paradoxalmente, esse método tem como consequência expor o indivíduo a uma concentração maior da influência de sua própria consciência, impregnada por percepções pessoais, ou seja, subjetivas.

Em algumas passagens de *Memórias do Subsolo*, o seu protagonista demonstra descrença nas virtudes morais. Para ele, os deveres morais nos são impostos como se fossem resultados matemáticos, sem que haja um mecanismo que nos permita aferir essas ponderações morais: “por fim, todos os chamados deveres, virtudes e demais tolices e preconceitos, deveis aceitá-los assim mesmo, nada há a fazer, porque dois e dois são quatro, é matemática. Experimentai retrucar” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 25). Trata-se de um claro exemplo do que o racionalismo exacerbado iluminista termina produzindo. O indivíduo acostuma-se a buscar motivos científicos objetivos e imediatos em todas as questões, algo que diminui seu campo de visão tal qual antolhos em um cavalo. Em uma área de estudo como a da filosofia moral, na qual os elementos são essencialmente teleológicos e coletivistas, uma abordagem tão individualista e imediatista não consegue produzir bons resultados. Por isso, o homem do subsolo, que se acredita tão racional, contraditoriamente critica a racionalidade das regras morais e padrões de virtude. Para ele, “um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17). Isso se dá justamente

pelas falhas do raciocínio iluminista tão bem apontadas por Nietzsche. E como resultado temos o extremo oposto, a total relativização da linguagem moral, transformando toda a ética num apanhado de decisões pessoais baseadas em pontos de vista, assim como acreditam os pensadores do emotivismo.

De modo que, como podemos perceber, o homem do subsolo apresenta os cacoetes de uma geração ainda totalmente influenciada pelo iluminismo. O homem inteligente, sábio, precisaria ser extremamente racional e voltado a seus próprios raciocínios. Mas o grande problema é que esse individualismo anda de mãos dadas com o subjetivismo, como demonstra MacIntyre. Portanto, o homem do subsolo também possui um modo de agir e de pensar que nos remete ao que viria a ser a proposta emotivista de uma filosofia moral relativizada, na qual as decisões éticas não são influenciadas nem pelo falso e nem pelo verdadeiro, nem pelo bem e nem pelo mal. Nesse ponto vemos que Nietzsche também caiu em erro semelhante, pois sua filosofia moral pretendeu a demolição dos padrões clássicos de virtude, de uma ética “além do bem e do mal”, contudo, o filósofo alemão identificou a gênese do problema que é responsável até mesmo pelo erro de sua própria filosofia. Segundo MacIntyre, é esse um dos grandes méritos do autor de *Zarathustra*.

Vemos que tanto Nietzsche quanto o homem do subsolo identificam o erro da ética iluminista e acabam sendo levados a um subjetivismo desmedido semelhante ao que prega o emotivismo. A grande diferença é que, enquanto o homem do subsolo resolve adotar o subjetivismo como seu padrão ético, Nietzsche investe contra essa linguagem moral a fim de destruí-la totalmente – a transvaloração de todos os valores – e para assim poder implementar sua filosofia moral baseada na vontade de potência, eminentemente subjetivista, visando o arquétipo do *Übermensch*.

Algumas Conclusões

Sem a menor sombra de dúvida, o homem do subsolo é um sofredor. Sua condição pessoal é digna de piedade, afinal vive de acordo com uma mentira criada por ele mesmo a respeito de si – de que seria um homem grandioso – e somente encontra frustrações e tristezas. O mais importante: *ele sabe* que vive essa mentira, afinal, está preso à sua própria racionalidade e somente por meio dela tenta resolver suas batalhas pessoais. Esse individualismo racional exacerbado é uma das heranças

nefastas do iluminismo tão bem apontadas por Nietzsche em sua filosofia moral. O homem do subsolo é um exemplo hiperbólico de como se comportaria alguém que utiliza exclusivamente a linguagem moral racionalista.

Ao mesmo tempo, o homem do subsolo é um antimodelo para a ética das virtudes. Ele é cético e sua exigência de racionalidade matemática não é satisfeita ao conjecturar a respeito da linguagem moral estabelecida. Obviamente, esta já seria uma empreitada fadada ao fracasso: como demonstra MacIntyre, os autores iluministas falharam ao tentar neutralizar a filosofia moral de qualquer influência externa:

Todos eles rejeitam qualquer concepção teleológica de natureza humana, qualquer concepção do homem como possuidor de uma essência que define seu verdadeiro fim. Compreender isso, porém, é compreender que seu projeto de encontrar um fundamento para a moral havia de falhar (MACINTYRE, 2021, p. 97-98).

O homem do subsolo e Nietzsche percebem a impossibilidade de uma ética estritamente pautada pela razão e denunciam o erro iluminista de esquecer que a consciência humana não consegue operar sem a influência de preconceitos pessoais. Então, o indivíduo que pretende que seu agir ético seja puramente racional entra em conflito com sua própria racionalidade, pois ele vê – racionalmente! – que se trata de uma tarefa impossível. Tal conflito pode levar ao niilismo demonstrado pelo homem do subsolo, que desacredita de toda e qualquer linguagem moral e passa a agir como se a ética fosse exclusivamente subjetiva, em uma clara previsão do que seria a doutrina do emotivismo. Por outro lado, Nietzsche usa esse inevitável niilismo como apenas um degrau para o seu ideal de uma ética baseada na vontade de potência. Tal projeto ambicioso e megalomaníaco é fruto da percepção nietzschiana quanto à impossibilidade filosófica da moralidade iluminista, crítica apontada por MacIntyre como elogiável e muito pertinente.

MacIntyre afirma, entretanto, que a solução escolhida por Nietzsche é descabida, afinal, o filósofo alemão pretende destruir *toda* a filosofia moral anterior à sua – caindo no niilismo transitório – para então poder erigir uma ética que não escapa do subjetivismo: o indivíduo pautará seu agir somente por meio de sua vontade de potência, uma vontade heroica e de dominação, cujo arquétipo ideal é o *Übermensch*. Pode parecer fantasia, mas é isso mesmo que Nietzsche propõe. Claramente trata-se

de mais uma linguagem moral fadada ao fracasso e à frustração, correndo o sério risco de produzir ressentimento, emoção tão criticada pela filosofia nietzschiana.

Assim, MacIntyre demonstra que Nietzsche é genial em sua argumentação contrária à filosofia iluminista e completamente equivocado quando propõe a sua própria solução. Para o filósofo escocês, “a posição nietzschiana é apenas mais uma faceta dessa mesma cultura moral da qual o próprio Nietzsche se tornou um crítico implacável”, concluindo que o *Übermensch*, representaria apenas mais uma ficção inalcançável nas fileiras de proposições éticas que surgiram a partir do início da modernidade (MACINTYRE, 2021, p. 373).

René Girard, quando trata de questões da perseguição ao bode expiatório, também identifica em Nietzsche um filósofo excepcional que identificou problemas invisíveis a todos os filósofos de seu tempo. Segundo o autor francês, “só Nietzsche presta atenção à voz dessas vítimas [os bodes expiatórios]. Mas ele só faz isso para acabrunhá-las ainda mais, e acusá-las de ressentimento” (GIRARD, 2014, p. 170). Por esse motivo, ao mesmo tempo em que elogia a perspicácia de Nietzsche em identificar a perseguição às vítimas, Girard também classifica a solução “heroica” e subjugadora apresentada pelo autor de *Ecce Homo* como insana: “Nietzsche realmente é louco, mas ninguém se dá conta disso num mundo que faz de tudo para pegar sua loucura” (GIRARD, 2014, p. 171).

Nietzsche, portanto, não é capaz de resolver o problema que denuncia – problema que também podemos identificar no homem do subsolo. Desta forma, qual seria uma solução plausível para que a ética encontre um caminho benéfico à linguagem moral? Para MacIntyre, somente por meio da “busca pela virtude”, o retorno à clássica filosofia moral aristotélica. E, para o autor escocês, a crítica nietzschiana pode até mesmo *não atingir* a ética de Aristóteles. Segundo MacIntyre, provavelmente o Estagirita concordaria com as críticas de Nietzsche à linguagem moral surgida na modernidade: “as personagens reconhecidas do repertório dos dramas da vida social moderna incorporam muito bem os conceitos e os modos das crenças e argumentos morais que um aristotélico e um nietzschiano teriam de concordar em rejeitar” (MACINTYRE, 2021, p. 370). Não quero aqui dar a entender que Nietzsche poupou Aristóteles quando atacou *toda a filosofia moral pretérita à sua*. De forma alguma. Certamente o filósofo alemão incluía a ética aristotélica como merecedora da extinção, assim como todas as demais. O que MacIntyre aponta é que, em sua interpretação, a

crítica nietzschiana não foi capaz de atingir a ética de Aristóteles¹. Como recorda Renato Moraes, Nietzsche se inspirava bastante na cultura e filosofia gregas – mesmo com a sua declarada hostilidade ao pensamento platônico-socrático – e assim, de alguma forma, a tradição vivida por Aristóteles provavelmente influenciara o pensamento nietzschiano:

Na esteira da tese defendida por Peter Berkowitz, considero que Nietzsche não é mero destruidor, nem absolutamente inovador. Antes, não sei dizer até que ponto de forma consciente, é um herdeiro de uma tradição desconhecida para a maior parte dos pensadores em seu tempo, que encontrou nos gregos e trouxe para seus dias com vigor. Serviu-se dela como uma arma poderosa, que derrubou ideias preconcebidas e arraigadas, apresentando novos modelos para o pensamento e o homem (MORAES, 2014, p. 101).

Em suma, apesar de não ser defensor de uma ética virtuosa, Nietzsche carregava consigo influências da cultura grega e, talvez por isso, foi capaz de perceber o fracasso a que estava fadada a filosofia moral moderna. A tentativa de pautar o agir na mais pura racionalidade individual não se coaduna com a ética eminentemente teleológica dos gregos. E esse projeto iluminista acabaria produzindo uma descrença na possibilidade de usar apenas a razão como fonte da linguagem moral. O efeito desse ceticismo foi uma reação de exacerbação do subjetivismo na ética, como se viu no movimento emotivista apontado por MacIntyre.

O homem do subsolo, protagonista de Dostoiévski em *Memórias do Subsolo*, é um claro exemplo dos males trazidos pela falha do projeto moderno de uma moral puramente racional. Ele busca refúgio em um niilismo profundo, desprezando a tradição dos costumes morais, pois não consegue encontrar uma ética que lhe transmita racionalidade semelhante à matemática. Esse desprezo pelas virtudes é algo que Nietzsche também possui – a não ser quando se trata de virtudes heroicas de quem age segundo a própria vontade – contudo sem recair no ressentimento que é tão evidente no homem do subsolo. Este é vítima da inescapável armadilha oriunda da relativização da importância dos costumes morais, da tradição ética. Talvez, influenciado pela filosofia moral aristotélica, o homem do subsolo não tivesse sofrido tanto.

¹ Afinal, Nietzsche denuncia o fracasso da ética iluminista que, segundo MacIntyre, “não foi nada senão uma continuação histórica da rejeição à tradição aristotélica” (MACINTYRE, 2021, p. 182). Não me aprofundarei nesta questão por se tratar de um tema que foge à proposta do presente artigo.

Referências

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

GIRARD, René. **A Rota Antiga dos Homens Perversos**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2014.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude: Um Estudo Sobre Teoria Moral**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

MELO NETO, João Evangelista Tude de. **10 Lições sobre Nietzsche**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MORAES, Renato José de. Nietzsche, crítico da moral: um estudo a partir de MacIntyre. **Caderno de Fenomenologia e Direito da Escola da Magistratura Regional Federal da 2ª Região – EMARF**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-126, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: De Como A Gente Se Torna O Que A Gente É**. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCHNAIDERMAN, Boris. Prefácio. *In: Memórias do Subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 7-12.

Recebido em: 19/06/2023
Aprovado em: 15/07/2023